

## Perseguindo a identidade\*

Marcelo Alario Ennes

*Núcleo Normal Superior, Campus Alberto Carvalho, Universidade Federal de Sergipe, 49500-000, Itabaiana SE, Brasil*

*marcelo-ennes@ufs.br*

*(Recebido em 30 de janeiro de 2007; aceito em 28 de setembro de 2007)*

---

O “problema da identidade” tem suscitado muitos estudos, o que pode ser verificado nos inúmeros artigos, monografias, dissertações, teses, livros e dos Grupos de Pesquisa que tratam do tema. Nesse trabalho, nos propomos a discutir a “Identidade” a partir de duas perspectivas diferentes, não obstante, complementares. Na primeira, buscamos perseguir as formas/conteúdos históricos por meio das quais os sujeitos vêm construindo sua(s) identidade(s) no último século. Por outro lado, procuramos identificar como as Ciências Sociais têm apreendido a identidade como categoria de análise de processos sociais. Até o momento, pudemos constatar que, historicamente, a identidade envolve processos sociais associados à nação, etnia, raça, classe, gênero, território e orientação sexual. No campo teórico, por sua vez, a noção de identidade tem sido utilizada de maneira transversal, isto é, está presente de diversas maneiras, nos diversos campos do saber das ciências sociais e humanas.

Palavras-chave: identidade; sujeito; modernidade; pós-modernidade

The “problem of the identity” has excited many studies, what it can be verified in innumerable articles, monographs, dissertations, thesis, books and of the Groups of Research that deal with the subject. In this work, in we consider them to argue the “Identity” from two different, however, complementary perspectives. In the first one, we search to pursue the forms/historical contents by means of which the citizens come constructing to its identity(s) in the last century. On the other hand, we look for to identify as Social Sciences have apprehended the identity as category of analysis of social processes. Until the moment, we could evidence that, historical point of view; the identity involves social processes associates to the nation, ethics groups, race groups, social class, gender, territory and sexual orientation. In the theoretical field, in turn, the identity notion has been used in transversal way, that is, is present in diverse ways, in the diverse fields to know to it of social sciences and human beings.

Keywords: identity, subject, modernity, post-modernity.

---

### 1. INTRODUÇÃO

Uma rápida pesquisa sobre o “verbete” identidade nos sites de busca de artigos científicos nos dá uma dimensão, ainda que superficial e grosseira, do número e diversidade trabalhos que tratam do tema. É possível dizer que a produção acadêmica sobre identidade esteja relacionada a processos sociais que, de várias formas, a problematizaram. Os processos sociais mais conhecidos são as crises do socialismo real, que levou ao fim da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas e do Leste Europeu, e a globalização, fenômenos que perpassam relações econômicas, políticas e culturais em todo o mundo.

Uma das conseqüências mais evidentes dessas transformações históricas tem sido a mudança de referências para o processo de produção de identidades/alteridades. Por exemplo, antes dessas transformações as referências identitárias mais comuns eram o Estado-nação, a raça, o socialismo; depois delas as referências são a etnia, o gênero, a orientação sexual.

Estamos, assim, diante de um duplo processo de transformação. Um no campo histórico e outro no campo teórico-conceitual. Esse artigo representa o primeiro esforço de um projeto de pesquisa que pretende investigar essa dupla trajetória do conceito de identidade. Poderíamos dizer, que no atual fase da pesquisa, estamos, na realidade, diante de uma coleção de dificuldades (WATANABE, 1985, p. 13).

Essa reflexão parte do pressuposto de que o conceito é uma forma historicamente definida de dar visibilidade a realidade que se pretende apreender. Desse modo, no caso da identidade, pode-se afirmar que as diferentes maneiras de conceitualizá-la, representam diferentes

possibilidades de dar-lhe visibilidade. Isto é, ao ganhar visibilidade, por meio do conceito, o processo histórico o contamina com seu teor político e ideológico.

O presente estudo tem sido desenvolvido por meio de pesquisa bibliográfica. Até o momento foi realizado um levantamento bibliográfico preliminar, bem como a leitura de algumas obras significativas do ponto de vista teórico sobre o tema. O próximo passo será sistematizar as leituras, reflexões e produção de textos a partir da periodização dessas obras em três fases: a pós-modernidade, a sociedade de massas e a sociedade liberal-iluminista.

## 2. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como dissemos, a opção metodológica desse estudo consiste numa dupla e complementar leitura da identidade a partir de sua trajetória no campo conceitual e no campo histórico. Esses dois campos comunicam-se em dois sentidos. Isto é, de um lado, as transformações sociais, econômicas, políticas e culturais que produzem constantemente novas identidades e de outro, no campo teórico, os conceitos mudam na medida em que indagam essa realidade em transformação.

Por sua vez, o diálogo entre os processos históricos e os processos heurísticos desenvolvidos no interior do campo acadêmico, possui um caráter político. Segundo Babha:

[...] nossos referentes e prioridades políticas – o povo, a comunidade, a luta de classe, o anti-racismo, a diferença de gêneros, a afirmação de uma perspectiva antiimperialista, negra ou terceira – não existem no sentido primordial, naturalista. Tampouco refletem um objeto político unitário ou homogêneo. Eles só fazem sentido quando vêm a ser construídos nos discursos do feminismo, do marxismo, do terceiro cinema, ou do quer que seja, cujos objetivos e de prioridade – classe, sexualidade ou ‘a nova etnicidade’ – estão sempre em tensão histórica e filosófica ou em referência cruzada com outros objetivos. (BABHA, 2005, p. 52).

Ou seja, a teoria, como já afirmamos, pode ser entendida como uma forma de dar visibilidade a processos sócio-históricos. Temos assim dois processos, um histórico e outro conceitual, que se comunicam e por meio dessa comunicação ganham significado e visibilidade.

Podemos aproximar essa concepção com uma outra que diz

“[...] não se pode esquecer, de modo algum, que o real nunca toma a iniciativa já que só dá resposta quando é questionado.” (BOURDIEU, CHAMBOREDON, PASSERON, 2004, p. 48).

Como se vê o real, não possui um significado imanente, próprio. Ele só pode ser apreendido e explicado a partir de uma indagação que tem origem no campo teórico.

São esses os pressupostos teóricos e metodológicos que até o momento podemos sistematizar e que fundamentaram o início de nossa tentativa de mapeamento dos usos da noção de identidade.

Posto isso, daremos início a uma síntese em que descrevemos e, em alguns momentos, problematizamos os processos históricos em que diferentes noções de sujeitos e identidade foram formuladas e utilizadas.

Uma primeira dificuldade no estudo sobre identidades está na falta de sua definição como conceito de modo claro e preciso. Hall (2002) parte da constatação de que o conceito de identidade ainda não foi suficientemente desenvolvido e que tem como marca a complexidade e que por isso carece de consistência e precisão. (HALL, 2002, p.8)

Antes de Hall, Castells (p.2000), no entanto, por assim dizer, oferece uma pista valiosa que nos permite certa clareza sobre o significado e a operacionalização conceitual da noção de identidade.

No que diz respeito a atores sociais, entendo por identidade o processo e construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados. (CASTELLS, 2000, p.22)

Destacariamos algumas características presentes nessa definição que estarão presentes direta ou indiretamente em outros autores e estudos. O primeiro é a idéia de processo, ou seja, é

apreendida como algo em movimento; segundo, construção, isto é, algo que não está dado e acabado, não é imanente ao seu portador e; terceiro, trata-se de um processo e de uma construção que ocorre por meio de inter-relações, o que quer dizer que não podem ser pensada como um atributo isolado e independe de sujeitos individuais ou coletivos. Trata-se, pois, de um processo de construção que se dá por meio de relações sociais.

A análise de Stuart Hall sobre Identidade na pós-modernidade (2002) parte de dois pressupostos. O primeiro é que nesse contexto, a identidade encontra-se em crise. O segundo que as identidades tem “sofrido” um processo de fragmentação, descentramento e deslocamento.

A crise a que o autor se refere consiste na ruptura com as formas de identidades de períodos históricos anteriores, bem como dos processos sociais, que lhes eram característicos. Esse processo de mudança e crise das identidades corresponde, de acordo com Hall, com as mudanças pelas quais os sujeitos históricos a vivenciaram. Vê-se, portanto, que a discussão sujeito/identidade está associada a das mudanças históricas e aos responsáveis por elas.

De qualquer modo, para Hall essa crise está associada a um quadro maior e mais complexo de mudanças na sociedade, em específico, às relacionadas às suas estruturas. Aliás, esse é um outro pressuposto, nesse caso não explicitado pelo autor, de que as mudanças pelas quais passam os sujeitos/identidades são inseparáveis das estruturas sociais e de suas mudanças.

Podemos ter uma outra perspectiva dessa crise a partir de Castells:

Para um determinado indivíduo ou ainda ator coletivo, pode haver identidades múltiplas. No entanto, essa pluralidade é fonte de tensão e contradição tanto na auto-representação quanto na ação social. (CASTELLS, 2000, p. 22.)

Nesse caso é a multiplicidade e a pluralidade das identidades que geram tensões e contradições, o que nos permite inferir, tal como em Hall, uma situação de crise para o sujeito/identidade.

É a partir desses pressupostos que Hall descreve três “fases” de existência do sujeito/identidade. O primeiro, tem como contexto histórico o período de triunfo e consolidação da sociedade moderna-burguesa-liberal, que viria a se materializar no “sujeito soberano” ou “iluminista” (HALL, 2002, p.25). Nesse contexto, o sujeito é representado como soberano, acima e além das determinações sociais. O sujeito é percebido como um ente autônomo e independe. A sociedade, por sua vez, é compreendida e vivenciada como um aglomerado de indivíduos livres e capazes de dar direção e significado a suas vidas.

O segundo momento refere-se a um período de transição caracterizado, sobretudo, segundo Hall, pela massificação da sociedade. Esse processo gera um conflito no plano das identidades, uma que vez que, ao mesmo tempo que o sujeito se concebe como ser autônomo, já não possui a mesma mobilidade e autonomia de antes. Trata-se de um período marcado pela burocratização das relações sociais e pela massificação da produção e corresponde, grosso modo, aos trinta primeiros anos do século XX.

É nessa sociedade que tem origem o que denomina de “sujeito de sociológico” (HALL, 2002, p. 31). É esse sujeito que seria objeto de estudo do interacionismo simbólico, principalmente, no que diz respeito às relações entre indivíduos e instituições sociais.

Embora diferentes, principalmente no que diz respeito à percepção de perda autonomia do “sujeito sociológico” comparado ao “sujeito soberano”; ambos, de acordo com Hall (HALL, 2002, p. 32) possuem em comum o caráter unificado e centrado de suas identidades. No sujeito soberano essa característica é mais evidente, já que é auto-representado como acima e independente da sociedade. No sujeito sociológico, ainda que sua identidade seja produto da interação com as instituições, ela ainda é pensada como um núcleo ou de uma essência. O sujeito ainda tem núcleo ou essência interior que é o “eu real”, mas este é formado num diálogo contínuo com os mundos culturais ‘exteriores’. ”(HALL, 2002, p. 11)

Deve-se, ainda, chamar atenção para, segundo Hall, o caráter substancialista do “sujeito soberano” e do “sujeito sociológico”. É como se o sujeito fossem portador de uma substância inata, algo lhe fosse natural e não construída nas e por meio das relações sociais.

Parece ser em oposição a essas duas características que Hall apresenta o sujeito/identidade como um problema na pós-modernidade. De uma maneira geral, o sujeito pós-moderno é

portador de identidade(s) múltiplas, descentradas, fragmentadas e deslocadas (HALL, 2002, p. 10). Falta-lhe o eixo, o núcleo ou, ainda, substância imanente e soberana comuns ao sujeito iluminista e sociológico. Talvez, a partir dessas mudanças é que podemos compreender melhor a situação de crise vivenciada pelas identidades e seus sujeitos.

O contexto do período histórico que Hall denomina de pós-modernidade pode ser melhor caracterizado a partir da descrição que Manuel Castells (2000) faz da “sociedade em rede”:

A revolução tecnológica da informação e a reestruturação do capitalismo introduziram uma nova forma de sociedade, a sociedade em rede. Essa sociedade é caracterizada pela globalização das atividades econômicas decisivas do ponto de vista estratégico; por sua forma de organização em redes; pela flexibilidade e instabilidade do emprego e a individualização da mão-de-obra. Por uma cultura de virtualidade real e construída a partir de um sistema de mídia onipresente, interligado e altamente diversificado. E pela transformação das bases materiais da vida – o tempo e o espaço – mediante a criação de um espaço de fluxos e de um tempo intemporal como expressões das atividades e elites dominantes.” (CASTELLS, 2000, p. 17)

Se considerarmos a descrição de Castells, o processo de descentramento dos sujeitos/identidades teria ocorrido, grande parte, em um cenário marcado por intensas e profundas transformações no campo da organização da produção econômica, desestabilização das condições de trabalho existentes na modernidade e pela reordenação do sistema capitalista de modo desterritorializado.

Nesse terreno o processo de descentramento teria, segundo Hall (2002), percorrido cinco percursos. Embora tenham suas próprias particularidades, muitas vezes, esses percursos inter cruzam-se.

O primeiro processo de descentramento foi operado a partir do marxismo. Hall retoma a idéia clássica de Marx que os homens fazem história mas sob condições que lhe são dadas. É claro que essa idéia é anterior à emergência do sujeito sociológico, típico da sociedade de massas que ainda estava se formando. A força dessa idéia no sentido de questionar a soberania do sujeito deve ser, no caso desse debate, compreendida a partir do tratamento dado por Althusser e por seu marxismo “anti-humanista” (HALL, 2002, p. 34).

Poderíamos dizer, de maneira simples, que o descentramento operado por essa abordagem ocorre a partir do questionamento da autonomia e independência do indivíduo em relação à sociedade e suas estruturas. Na verdade, há desautonomização do sujeito e nessa medida questiona o conjunto da concepção do sujeito soberano. A identidade, agora, não seria resultado de um processo que tem origem no interior do sujeito, mas das relações condições sociais que lhes são exteriores, como, por exemplo, a classe social.

As perspectivas essencialistas, em geral, assentam-se sob duas justificativas, uma de ordem histórica (passado, tradição, experiências compartilhadas como a migração) e outra, biológica (ter os mesmos traços físicos, o mesmo sangue, ancestralidade).

Há de se considerar, no entanto, como o faz Tadeu Tomaz Silva (2000), que no que diz respeito às “identidades essencialistas”, as referências biológicas são igualmente históricas uma vez que são construídas a partir de valores (cor branca da pele representa superioridade, por exemplo) produzidos em tempos e espaços históricos. Nesse sentido, as “identidades essencialistas” são sempre históricas ainda que sejam representadas a partir de traços físicos e biológicos.

Como crítica a concepção às concepções essencialistas, Hall retoma a “metáfora do espelho”, em que o sujeito/identidade é (re)constituído na e por meio das relações com o “outro”, ou seja, como diz Woodward “A identidade é moldada e orientada externamente (2000, p.63).

Essa concepção já estava presente na do interacionismo simbólico, mas reaparece sob os novos termos do descentramento nas perspectivas estruturalista do marxismo e da psicanálise. Assim, as teorias psicanalíticas, teriam subvertido o “eu unificado” e “[...] valorizam os sistemas culturais e representacionais no processo de construção da identidade.” (WOODWARD, 2000, p.66).

O segundo descentramento tem origem na psicanálise. Aqui o processo ocorre por meio da leitura que Lacan faz de Freud. Nessa direção, segundo Hall, a idéia é que para Lacan, a identidade tem origem no subconsciente, o que se opõe à concepção de uma identidade como

resultado de uma escolha plenamente consciente e racional. O “eu” é formado em relação com os outros e não a partir de um “interior”. Por se formar nas relações com “outros” e esses outros serem diferentes e distintos não é possível pensar em uma identidade fixa, essencial e unificada.

O terceiro descentramento vem, também, do estruturalismo, agora, por meio da lingüística. Como destaca Hall, a língua, de acordo com Saussure “[...]é um sistema social e não um sistema individual.” (2002, p. 40). Isso quer dizer, que as palavras ganham significado por meio de relações sociais que, mais uma vez, existem no tempo e no espaço. Por exemplo, a oposição entre noite e dia pode ter significados diferentes dependendo do grupo social que a formula.

Michael Foucault é apontado como o responsável pela quarta “frente” de descentramento da identidade. Isso ocorre por meio da formulação da noção de “poder disciplinar”. Nela Foucault propõe que são as instituições coletivas que individualiza o sujeito. Trata-se, como aponta Hall, de um paradoxo.

“[...] quanto mais coletiva e organizada a natureza das instituições da modernidade tardia, maior o isolamento, a vigilância e individualização do sujeito individual.” (HALL, 2002, p. 43)

A partir disso, podemos dizer que essa individualização é heterônoma e que, portanto, não estaria sob o controle da vontade individual.

A quinta frente de descentramento do sujeito e de sua identidade são os movimentos sociais. Entre esses, Hall toma como paradigmático o movimento feminista. Uma de suas características, segundo o autor, seria o fato do feminismo representar, a um só tempo, um movimento social e uma crítica teórica (HALL, 2002, p.44), o que nos leva de volta a idéia de que as mudanças teóricas caminham ao lado e por dentro das mudanças sociais.

Nesses dois níveis, o feminismo, como outros movimentos sociais traria mudanças e questionamentos como a oposição tanto ao capitalismo quanto ao stalinismo; à burocracia por meio do espontaneísmo e, ainda, representaria o enfraquecimento das políticas de massas. Desses processos sócio-teóricos emergiria a noção de “Política de Identidade”, como já vimos em Castells, e que para Hall é expressão do descentramento, da qual emerge a idéia e a prática de uma “identidade para cada movimento.” (HALL, 2002, p. 45).

Em síntese, o processo de descentramento operado pelos movimentos sociais, de acordo com Hall, questionaria a dicotomia entre o público e privado, politizou a subjetividade, a identidade e o processo de identificação, deu origem a novas identidades pautadas nas relações de gênero e nas diferenças sexuais (HALL, 2002, p. 46).

### 3. CONCLUSÕES.

No presente artigo procuramos demonstrar, que existe uma correlação entre as formas e conteúdos das identidades vivenciadas pelos sujeitos com as formas e conteúdo com que essa identidade é apreendida e explicada no campo conceitual.

Verificamos que, não obstante, o conceito de identidade ainda não estar sedimentado, é possível falar em dois conjuntos de definições. Do ponto vista histórico, o primeiro grupo corresponde à sociedade de massas e a que a antecedeu. Nesses períodos históricos, as identidades eram caracterizadas, fundamentalmente, por serem unificadas e essencialistas. Tem em comum, também, a figura de um sujeito soberano, que perde forças na sociedade de massas, mas ainda, é a concepção predominante.

O segundo grupo é característica da sociedade pós-moderna, contexto no qual as identidades são vividas e conceitualizadas, de modo descentrado e fragmentado, características, que por sua vez, a caracterizam.

Os próximos passos da pesquisa serão dados no sentido de aprofundar a discussão sobre identidade a partir de contribuições de autores sistematizaram e problematizaram as definições de identidade no contexto da sociedade em rede (CASTELLS) / pós-modernidade (JAMESON) / do moderno-líquido (BAUMAN). Trata-se de estudo eminentemente teórico que será desenvolvido por meio de revisão da bibliografia mais recente sobre o tema. No contexto da pós-modernidade / moderno-líquido a noção de identidade tem sido adjetivada por diversos autores de diversas maneiras como: identidades múltiplas, comunais, alternativas (CASTELLS);

contraditórias, descentradas, (HALL); construídas, fragmentadas (CASTELLS, HALL); líquida, deslocada, flutuante (BAUMAN).

---

\* Trabalho apresentado no II Encontro de Pós-graduação da Universidade Federal de Sergipe.

1. AUERBACH, Erich. *Mimesis: A representação da realidade na literatura ocidental*. 4ª ed. Tradutores não nomeados. São Paulo: Perspectiva, 2002. (Coleção “Crítica”).
2. BOURDIEU, Pierre, CHAMBOREDON, Jean-Claude, PASSERON, Jean-Claude. *O ofício de sociólogo*. 5 ed. Petrópolis: Vozes, 2004.
3. CASTELLS, Manuel. *O Poder da Identidade*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.
4. HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
5. SILVA, Tomaz Tadeu. A produção social da identidade e da diferença. In: \_\_\_\_\_. *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 73- 102
6. WATANABE, Lygia Araujo. Filosofia antiga. In: CHAUÍ, Marilena et.al. *Primeira filosofia: lições introdutórias*. 3. ed.. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1985. p. 13 – 35.
7. WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: \_\_\_\_\_. *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 7- 71.